

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

Midiam Ramos da Costa

A LITERTATURA INFANTIL E A ALFABETIZAÇÃO

João Pessoa – PB
2013

Midiam Ramos da Costa

A LITERTATURA INFANTIL E A ALFABETIZAÇÃO

—

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro
de Educação da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito institucional para obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Geovânia da Silva Toscano

João Pessoa – PB
2013

C837I Costa, Midiam Ramos da.

A literatura infantil e a alfabetização / Midiam Ramos da Costa. – João Pessoa: UFPB, 2013.

38f.

Orientador: Geovânia da Silva Toscano

Monografia (graduação em Pedagogia – modalidade a distância) – UFPB/CE

Midiam Ramos da Costa

A LITERATURA INFANTIL E A ALFABETIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro
de Educação da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito institucional para obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Geovânia da Silva Toscano
Orientadora – UFPB

Prof. Dr. (nome do professor)
Examinador – UFPB

Profa. Ms. (nome da professora)
Examinadora - UFPB

JOÃO PESSOA – PB
2013

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Josefa Ana da Costa e José Ramos da Costa (in memoriam) e aos meus irmãos, que tanto amo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me concebido a graça dessa conquista.

Aos meus pais Josefa Ana da Costa e José Ramos da Costa que tanto se esforçaram para o meu crescimento como pessoa e sempre estiveram do meu lado me apoiando, bem como a todos aos meus familiares.

Aos que compõem o Pólo UAB Limoeiro e também o Campus da UFPB Virtual e a minha orientadora Geovânia da Silva Toscano por todo apoio na conclusão dessa obra.

“Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história”. (Bill Gattes)

RESUMO

Este trabalho trata das contribuições dos livros infantis no processo de alfabetização. Sabemos que os livros infantis são uteis na transmissão de valores, de conhecimento e de cultura, e auxilia a criança no contato com o mundo da escrita. Através do uso de livros infantis na sala de aula o professor pode trabalhar diversos gêneros textuais de diferentes épocas. Mesmo a criança que dominando a leitura, o professor pode assumir o papel de contador de histórias ou de leitor para seus educandos e levar conhecimento a eles. E de maneira prazerosa inseri-los no mundo da leitura e escrita, estimulando a imaginação, a compreensão de mundo e a desenvolver o senso crítico. Para muitas crianças o contato com livros de histórias é um momento mágico e a escola é um espaço privilegiado por proporcionar isso a seus educandos, pois muitas vezes esse é o único momento que algumas crianças têm contato direto com a literatura infantil. O contato com esses livros é muito importante para a construção da identidade social e cultura de cada criança e esse contato precisa ser iniciado desde os anos iniciais, antes mesmo das crianças estarem alfabetizadas. Cabe ao professor alfabetizado encurtar a distancia que ainda existe entre as crianças em processo de alfabetização e a literatura infantil.

Palavras-chave: Livros Infantis. Alfabetização. Gêneros textuais.

ABSTRACT

This paper analyzes the contributions of children's books in the literacy process. We know that children's books are useful in the transmission of values, knowledge and culture, and assists the child in touch with the world of writing. Through the use of children's books in the classroom the teacher can work various genres from different eras. Even the child mastering reading, the teacher can take the role of storyteller or reader to their students and bring knowledge to them. And so pleasurable insert them into the world of reading and writing, stimulating the imagination, the understanding of the world and develop critical thinking. For many children contact with storybooks is a magical time and the school is a privileged space for providing this to their students, because often this is the only time that some children have direct contact with children's literature. Contact with these books is very important for the construction of social identity and culture of each child and that contact must be initiated from the early years, even before the children are literate. The teacher literate shorten the distance that still exists among children in the process of literacy and children's literature.

Keywords: Children's Books. Literacy. Genres.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O QUE É LITERATURA INFANTIL?	15
2.1 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL	15
2.2 AS CONTRIBUIÇÕES DE MONTEIRO LOBATO PARA A LITERATURA INFANTIL	19
2.3 OS NOVOS AUTORES	20
3 LITERATURA INFANTIL E A DIVERSIDADE TEXTUAL	26
3.1 O TRABALHO COM O LIVRO INFANTIL	26
3.2 DIVERSIDADE TEXTUAL NA ALFABETIZAÇÃO	28
4 LITERATURA INFANTIL E ALFABETIZAÇÃO	31
4.1 O LIVRO INFANTIL	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização... (COELHO, 2000)

A literatura infantil vai além de apenas mais um recurso disponível para auxiliar o professor para o desenvolvimento de sua prática pedagógica. Ela deve ser vista e entendida como uma arte, que pode e deve estar acessível a todas as idades e classes sociais.

À medida que levamos e aproximamos os nossos pequenos educandos dos livros infantis estamos dando a oportunidade a essas crianças ampliarem seus conhecimentos e educar-se para a leitura, a literatura e para a arte em suas diferentes formas.

Esta pesquisa ressalta como tema as contribuições que os livros infantis desempenham no processo de alfabetização. Busca investigar através dos referências teóricos de que forma o uso de livros infantis no ciclo de alfabetização ajuda o professor no processo de ensino aprendizagem. Analisa a contribuição dos livros para o processo de leitura e escrita através da transmissão de valores, de conhecimento e de cultura, destacando que essa aproximação com os livros ajuda as crianças a se tornarem novos leitores.

Discutir qual a melhor forma de trabalhar com os livros infantis é essencial para que os educadores reflitam sobre um assunto tão vasto e rico, além de apontar novos caminhos que norteará o trabalho em sala de aula.

Em muitas escolas o contato com os livros infantis é bastante estimulado e valorizado pelo educador. Enquanto em outras escolas alguns professores equivocadamente acreditam que o livro só deve ser apresentado a criança depois que ela já esteja alfabetizada. Essa é uma maneira errônea de ver o uso do livro pelas crianças na sala de aula.

O momento de contar e ouvir histórias podem ser entendidos com sendo um estimulador da imaginação, diversão e compreensão de mundo. Ao assim agir o educador transmitem valores humanos às crianças de maneira simples. Segundo Filho (2009), “os valores discutidos na literatura para as crianças são valores humanos,

construídos através da longa caminhada humana pela história, e não valores que circulam apenas no universo infantil das sociedades contemporâneas”.

O livro infantil permite ao professor o desenvolvimento de diferentes atividades. É importante que o professor alfabetizador tenha no seu cotidiano escolar o hábito de usar o livro infantil, pois, nesse momento ele está promovendo a liberdade intelectual das crianças.

Conhecer e utilizar os livros de maneira organizada e sistematizada dentro de um plano diário facilita o acesso ao conhecimento e a inserção da criança no mundo da escrita.

O processo de alfabetização é uma construção simultânea de conhecimento que caminha paralela à leitura e escrita, não dá para alfabetizar sem inserir a criança no mundo literário. A decodificação de códigos isolada não alfabetizada, a criança precisa contextualizar para poder compreender.

Moll (1996, p. 69) afirma que:

A criança que vive num ambiente estimulador vai construindo prazerosamente seu conhecimento do mundo. Quando a escrita faz parte de seu universo cultural também constrói conhecimento sobre a escrita e a leitura. Ler é conhecer. Quando mais tarde ela aprender a ler a palavra, já enriquecida por tantas leituras anteriores, apropriar-se á de mais um instrumento de conhecimento do mundo.

O processo de contextualização da leitura pode se promovido através do contato direto da criança com os livros infantis, em especial, com os contos de fadas, histórias que tem o poder de encantar as crianças pelo seu enredo e pelo poder de trabalhar o seu imaginário, tão forte e peculiar nessa fase. Conforme Radino (2001, p. 135)

Todo conto inicia em outro tempo e em outro lugar, e a criança sabe disso. Ao iniciar um “era uma vez”, a criança sabe que partirá em uma viagem fantástica e que dela retornará com um “viveram felizes para sempre” ou expressões semelhantes. Esses rituais mostram que vamos tratar de fantasia e isso faz com que embarquem nessa viagem e se identifiquem com os personagens.

Esses livros tem o poder de levar as crianças ao encantamento por suas histórias através da imaginação. Esta é uma maneira do professor alfabetizador incentivar e motivar as crianças a adquirir o hábito da leitura, antes mesmo de se apropriarem do sistema da escrita.

Este tema surge como curiosidade para investigação desde comecei a ler sobre o processo de alfabetização. Ao longo dos anos da minha vida acadêmica observei que a competência da leitura e escrita ainda se encontra limitada e longe da excelência. Os educandos ainda praticam aquela leitura isolada sem estímulos e os livros são muitas vezes apresentados como tarefas enfadonhas, que precisam ser lidos, apenas lidos.

A partir dessas minhas leituras e reflexões surgiu o questionamento: Como o uso dos livros infantis contribui no processo da alfabetização infantil?

Percebemos que nos dias atuais os livros infantis passaram a fazer parte não só do cotidiano escolar, mas do dia a dia de cada pessoa. Cabe ao professor descobrir os benefícios desse rico material e desenvolver nos seus educandos habilidades leitoras através de metodologias que favoreçam o acesso a obras literárias. Promover um encontro prazeroso com os livros e momentos de estímulo que venham a contribuir para o desenvolvimento do senso crítico e da compreensão do sistema alfabético, isto é alfabetizar de maneira contextualizada.

Para acesso a esse material de livros infantis, as escolas públicas das redes federal, estadual e municipal contam com o apoio do governo que mantém o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Este Programa tem como objetivo prover as escolas da educação infantil (creches e pré-escolas), do ensino fundamental, do ensino médio e educação de jovens e adultos com o fornecimento de obras e demais materiais de apoio à prática da educação básica garantindo aos educandos e professores o acesso à cultura e à informação, estimulando a leitura como prática social.

O interesse dessa pesquisa é analisar as contribuições dos livros infantis no processo ensino aprendizagem para a alfabetização. No decorrer da pesquisa refletirei sobre a alfabetização com o uso de livros infantis e identificarei os livros de literatura infantis mais utilizados pelos professores para alfabetizar.

Através dessa pesquisa, espero contribuir para a melhoria do trabalho dos alfabetizadores, valorizando o espaço de sala de aula como local de acesso e contato direto com os livros infantis. Procuro defender o processo de alfabetização como momento da criança se familiarizar com o livro e que o professor alfabetizador seja o mediador desse processo e do acesso à leitura prazerosa e educativa.

Estamos vivendo em plena era tecnológica é preciso ver e promover a essas crianças acesso a textos e hipertextos. Porém é importante ressaltar os livros infantis como eficaz instrumento para formação humana através da atividade básica, a leitura.

Podemos ressaltar que o livro é fundamental no processo educativo e continua sendo o principal instrumento de acesso à informação e cultura de toda classe social.

Nessa ordem de ideais, dá-se a importância de inserir a criança no mundo da literatura, mesmo antes dela ser iniciada no processo de alfabetização. É desse contato direto e encantador através das histórias ingênuas e empolgantes, cheias de mistérios e fantasias que o educando vai conhecendo e se aproximando do livro, primeiro como ouvinte, ouvinte-leitor e leitor.

Acredito que há a necessidade dos professores apresentarem a literatura às crianças para que elas possam se descobrir e redescobrir o mundo em que vive formar seus conceitos, ser crítica e reflexiva, decodificar letras e fazer suas inferências além de proporcionar momentos de lazer e entretenimento através da leitura prazerosa.

Foi através dessas reflexões que esta pesquisa bibliográfica surgiu, por se tratar de um desejo de conhecer autores como Coelho (2000), Zilberman (1990) entre outros que acreditam que o uso de livros infantis na sala de aula ajuda a criança a se apropriar do sistema de escrita. E para elencar pontos que acredito ser importante para o educador refletir no momento de escolher livros para trabalhar com as crianças.

Escolher livros infantis não é tarefa simples, requer conhecimento do professor e acima de tudo interesse pela leitura. O professor precisa estar atento ao gosto de seus educandos, saber ouvir e incentivar a turma a discutir sobre os títulos e gêneros textuais. Para isso todo professor precisa de um embasamento teórico sobre o uso de livros infantis, pois irá auxiliar tanto para a escolha de obras quanto para incentivar e preparar a criança leitora.

A presente monografia foi baseada em pesquisa bibliográfica, aliada aos estudos realizados durante o Curso de Pedagogia. Pela necessidade de levantar e estudar as teorias os recursos utilizados para levantamento bibliográfico foram: livros, e artigos científicos publicados de maneira impressa e disponibilizados na Internet o que os estudiosos falam a respeito do uso de livros infantis na sala de aula durante o processo de alfabetização.

Segundo Lakatos e Marconi (2001, p. 155), “pesquisa é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”.

Para Gil (1999, p.42), “a pesquisa tem um caráter pragmático, é um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental

da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Portanto o ato de pesquisar faz parte do cotidiano dos acadêmicos por se tratar de um conjunto de ações que vem a responder ou solucionar questionamentos levantados durante estudos.

A pesquisa bibliográfica se caracteriza por acompanhar um tema fazendo a observação e análise da evolução dos estudos ao longo dos anos.

Gil (1999) explica que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida mediante material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos. Todo trabalho científico exige esse tipo de pesquisa para poder fundamentar as discussões, além de outros recursos como pesquisa de campo e estudo de caso. Porém, há trabalhos científicos que são desenvolvidos exclusivamente a partir de pesquisa bibliográfica.

Através da leitura de diversos materiais já publicados sobre o tema reuni conhecimento sobre o assunto abordado. Com base nessas leituras pude elaborar meu trabalho científico com o intuito de atribuir uma nova leitura, fazendo interpretações pautadas em publicações anteriores, onde estudiosos esboçaram seus conhecimentos, permitindo que posteriores estudos fossem realizados.

No campo da educação percebemos que a pesquisa bibliográfica está muito presente, mesmo quando se faz necessário associar a teoria à prática, ou seja, esta pesquisa foi realizada a fim de obter respostas para minhas indagações e abordando a importância da pesquisa bibliográfica ela se caracteriza por ser uma discussão reflexiva sobre a opinião de pesquisadores sobre o tema.

Este trabalho está organizado em 3 capítulos: no primeiro capítulo busco relatar o histórico de como surgiu a literatura infantil e a grande contribuição de Monteiro Lobato na repaginação da literatura infantil brasileira. Cunha (1995, p. 24) informa que “com Monteiro Lobato é que tem início a verdadeira Literatura Infantil Brasileira. Com uma obra diversificada quanto ao gênero e orientações, este autor cria uma literatura centralizada em alguns personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional”. Após abordar este autor falarei sobre os novos autores e a utilização de suas respectivas obras na sala de aula.

O segundo capítulo fundamenta teoricamente o uso da literatura infantil e a diversidade textual no processo de alfabetização, falando sobre a importância do acesso a diferentes gêneros como auxiliares da aquisição da leitura e escrita.

O terceiro capítulo abordará a literatura e a alfabetização, a leitura como instrumento transformador possibilita ao professor promover o senso crítico e reflexivo, podendo ser feita de maneira prazerosa e dinâmica. Inserir as crianças no mundo letrado é uma tarefa árdua e requer do educador um trabalho minucioso de incentivo e estímulos.

2 O QUE É LITERATURA INFANTIL

O termo literatura infantil não possui uma definição própria, era visto como uma mescla da arte literária e da prática pedagógica. Esse tipo de literatura leva para as crianças a realidade da vida, histórias do dia a dia de maneira adequada para sua idade. Os livros infantis atuais abordam temas como morte, divórcio, violência, diversidade e problemas sociais.

Dentro do contexto pedagógico para Filho (2009, p. 63-64),

Literatura infantil tem como objetivo voltar a atenção de futuros profissionais da educação para sua diversidade, no sentido de que um livro pode ser aplicado em atividades lúdicas, artísticas e como importante aliado das práticas docentes que envolvem o ler, o escrever e, principalmente, o desenvolvimento de posturas investigativas e críticas do aluno, pois ensinar a pensar é também uma das funções mais importantes da escola.

A literatura infantil tem o poder de falar com a criança e para a criança ela permite que a criança adentre no texto e viaje no mundo da fantasia. A literatura infantil precisa ser apreciada vivida, sentida na sua forma mais ampla, falada, ouvida, contada e discutida. “Esses são os fatores fundamentais para o uso da literatura infantil no processo de alfabetização”, conforme (COELHO, 2000).

2.1 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

Para Zilberman (1990,p. 20) “A literatura nasceu na Antiga Grécia. Chamava-se poesia e existia apenas para divertir a nobreza”. Naquela época as crianças viviam como adultos e não existia leitura específica para elas. Conforme Áries (1978 p. 23):

Até o século XVII, a criança não era entendida da maneira como percebemos hoje. As crianças eram tratadas com mini adultos, trabalhavam e viviam junto aos adultos, vestiam-se como adultos e praticavam de tudo: da vida social, política e religiosa da comunidade, não havia propriamente dito, “um mundo infantil”, diferente e separado, ou uma visão especial sobre infância, não se escrevia para ela, pois não existia “infância”.

Literatura infantil, ou seja, as adaptações de textos para o público infantil surgiu na Europa no século XVIII quando a Revolução Industrial é deflagrada. Com o

crescimento político e financeiro determinado pela industrialização, à burguesia substituiu os senhores feudais e sentiu a necessidade de consolidar instituições que ajudariam a evolução social. Neste contexto, destacou-se entre essas instituições emergentes a família e a escola.

Com isso a criança passou a ser vista com outra visão. Ela deixou de ser o adulto em miniatura, como era tratada no final do século XVII, e passou a ser vista e tratada como um ser frágil e dependente e que necessitava de um cuidado isolado. A partir desta nova concepção, tornou-se necessário o surgimento de um espaço que promovesse a reclusão dessas crianças. Foi quando surgiram as escolas formais, pois até então a educação formal era feita em casa pelos pais ou professor particular. Foi quando também surgiu a literatura infantil com características próprias e ajudando a criança a usar sua imaginação.

Alguns autores e obras de literatura infantil do final do século XVIII ainda fazem sucesso entre as crianças do século XXI, principalmente pelo encanto dos seus enredos.

A sociedade modernizada tendo como foco a industrialização viu nas crianças, meios para acelerar as produções indústrias de livros. Dar-se início ao processo de alfabetização infantil, visando torná-los leitores consumidores e esta seria a ideia central deste processo. Embora saibamos que os livros produzidos na época não eram voltados para o público infantil, uma vez que se tratava de adaptações da literatura adulta.

Apenas no século XIX a literatura infantil teve sua expansão objetivando agregar valores através dos livros aos pequenos leitores, com histórias de aventuras e que retratavam a vida das crianças. É dentro desse contexto que a literatura infantil começa há ter seu espaço no Brasil.

Conforme Silva (2009) no Brasil, mesmo com a disseminação do gênero a circulação de livros infantis ainda era irregular e precária, pois não se tratava de produções próprias eram tentativas de traduções e adaptações de literatura portuguesa.

A escola tendo o papel de impor um modelo social passa a deter o saber pela alfabetização através da leitura, tendo como suporte de trabalho os livros escolares, hoje conhecidos como didáticos e os de literatura infantil.

Para Silva (2009) um modelo de uma alfabetização fracassada, pois os clássicos infantis eram apenas adaptações e traduções europeias e exemplares na língua portuguesa que se distanciavam completamente da língua materna das crianças, a escola

sentiu a necessidade de fazer as adaptações, e o movimento de nacionalização se transforma em nacionalismo.

Nas primeiras décadas do século XX o Brasil passa a produzir literatura infantil. As produções passaram a ser muito privilegiada e com o aumento da escolarização passou a serem mais consumidos, os novos autores do gênero passaram a produzir obras com temáticas inovadoras, valorizando o presente e a cultura nacional. Contudo o gênero continuava a ser visto apenas como instrumento para alfabetizar.

Considerando que o Brasil estava em processo de modernização após o fim do trabalho escravo e com a transformação da sociedade rural para a urbana, a classe dominante começa a perceber um futuro público consumidor de produtos culturais, através da popularização da literatura. Sobre essa ascensão comenta Zilberman (1990, p.15):

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura Infantil e escola inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão.

Em meio a todo esse cenário de mudanças na literatura, em 1919, surgiu à literatura infantil direcionada para o mundo rural, valorizando as histórias e a vida no campo.

As atitudes nacionalistas buscavam mudar a ideia central do gênero, e torná-lo um meio de leitura prazerosa. Foi assim que passaram a valorizar as histórias rurais, por meio de histórias folclóricas e temas pedagógicos como a História do Brasil.

Do final do século XIX, até o surgimento das obras de Monteiro Lobato, o que prevalecia na literatura era os temas voltados para o nacionalismo, o intelectualismo e o tradicionalismo cultural.

No meio de todo esse movimento literário em meados do século XX, surge uma personalidade fascinante que foi o autor Monteiro Lobato que passou a escrever e comercializar as obras literárias destinadas ao público infantil.

Foi assim que na segunda metade do século XX tanto a produção quanto a comercialização de obras de literatura infantil foi aumentando e se adaptando aos novos paradigmas e quebrando rupturas, partindo para produções mais voltadas para a cultura de massa, como: histórias policiais e ficção científica.

Porém, vale ressaltar que durante toda essa evolução, o Estado passa a exigir do professor a adoção desses textos para melhorar o desempenho escolar e a mediação entre a cultura e o que os textos expressavam. Entretanto, isto era de forma controlada para não criar tanta reflexão crítica e então o objetivo maior era utilizar os livros para apenas ensinar a ler.

A partir dos anos 1970 no Brasil, a qualidade da produção literária infantil despertou o interesse da escola e a rotina de ler obras da literatura infantil passou a incorporar a rotina escolar desde as séries iniciais.

A partir deste período outros escritores foram surgindo e a produção de livros do gênero aumentando. Porém, seu foco principal não era o leitor mirim e sim, a postura ditatória do Estado e da escola que selecionava e determinava os livros para a circulação. Conforme Coelho (1991, p. 198),

[...] além dos livros de Lobato e das obras clássicas traduzidas ou adaptadas, apenas alguns escritores, entre os que escreveram na época, atingiram a desejável literalidade. No geral, predomina o imediatismo das informações úteis e da formação cívica.

Seguido de todos esses entraves à literatura infantil sofre com a crise de leitura que perpetuou por muitos anos no país. A partir da era Lobatiana o Brasil foi saindo dessa crise e se transformando em um país de leitores, principalmente de leitores mirins, embora que muito ainda precise ser feito.

Atualmente, no século XXI a literatura tem uma vasta variedade de gêneros e um grande investimento na qualidade da produção e do visual dos livros. Mas vem sofrendo com grandes concorrências eletrônicas, pois as crianças tem a sua disposição um vasto leque de recursos audiovisuais, TV, videogame, celular, jogos eletrônicos e outros, que parecem muitos mais atrativos que o livro.

2.2 AS CONTRIBUIÇÕES DE MONTEIRO LOBATO PARA A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Monteiro Lobato, nasceu no dia dezoito de abril de 1882 na cidade de Taubaté. Foi alfabetizado pela sua mãe, passando em seguida a ter aulas com um professor particular. Fez os estudos primários em várias escolas transferindo-se aos treze anos para São Paulo, a fim de concluir os estudos.

As obras de Monteiro Lobato buscava usar a linguagem popular para aproximar a realidade da criança com a história no livro.

Aos dezoito anos de idade, começou a estudar Direito na Faculdade do Largo de São Francisco. Junto com um grupo de colegas tiveram a ideia de fundar uma associação acadêmica, surgindo a "Arcádia Acadêmica", destinada a promover sessões literárias.

Devemos salientar que, antes da atuação de Monteiro Lobato como editor, a situação do comércio de livros no Brasil era fracassada. As vendas se restringiam a um pequeno grupo de leitores de classe alta.

Monteiro Lobato percebeu que o Brasil tinha um sério problema que era a falta de postos de venda de livros. Então começou a publicar obras de amigos e de autores desconhecidos a fim de lançá-los no mercado para popularizar o acesso aos livros.

A partir desse momento Lobato passa a se preocupar com a estética do livro, para ele a capa do livro passa a ser meio de divulgação e atração para o consumo, também se preocupa com a qualidade do material interno do livro.

Logo Monteiro Lobato percebeu que poderia atingir outro público: o infantil. Em 1921 faz a publicação de 'Narizinho Arrebitado' o que vem modificar a literatura infantil, através de uma nova percepção de mundo. Conforme cita Coelho (1991, p. 192),

Não há dúvida de que o grande valor da invenção literária de Lobato e o amplo sucesso obtido junto aos pequenos leitores, não se deveram apenas à sua prodigiosa imaginação ao inventar personagens e tramas cheias de pitoresco e de humor sadio, concretizadas em uma linguagem original e viva. Como em toda grande obra, o seu mérito maior está na perfeita adequação entre sua matéria literária, as ideias e os valores que lhe servem de húmus e as imposições da época em que ela foi escrita.

Lobato era convicto que a Literatura infantil deveria reunir divertimento e informação, pois acreditava que a criança poderia aprender com prazer. Daí veio uma série de títulos de sua coleção voltados para o mundo infantil como: ‘História do mundo para crianças’, ‘Geografia de Dona Benta’, ‘Emília no país da Gramática’, ‘Histórias das Invenções’ e ‘Aritmética da Emília’ reuniam conteúdos escolares com histórias para as crianças.

Em Silva (2009) a proposta de Monteiro Lobato foi inovadora, pois ela passa a dar voz às crianças através da personagem Emília, a boneca de pano falante, que passa a ser a representante das crianças nas histórias de Lobato. Todo o imaginário das crianças escrito por Monteiro Lobato passa a ter vida e irreverência infantis nas histórias narradas e acontecidas no ‘Sítio do Pica-Pau Amarelo’ com seus personagens fantásticos.

Além de estimular o censo crítico das crianças, apresentando-lhes problemas políticos, sociais, culturas e econômicos por meio de seus personagens simples e significativos, suas obras além de romper com os modelos tradicionais de literatura infantil vieram a trazer uma nova perspectiva no campo literário, tornando-se referência para a literatura infantil brasileira afirma Silva (2009).

Monteiro Lobato se preocupava muito com a didática em suas obras e com a contribuição delas para a formação de jovens leitores conscientes e críticos.

As obras de Lobato começaram a ser publicadas a mais de 80 anos e já apresentavam avançadas ideias pedagógicas. Ele foi o percussor da literatura infantil no Brasil. Literatura que até hoje vive as transformações para acompanhar as mudanças da sociedade e acima de tudo acompanhar a tecnologia.

2.3 OS NOVOS AUTORES

Com a atual modernização os livros infantis não são produzidos apenas para suprir as necessidades pedagógicas. Eles precisam ter funções lúdicas, promover a interação com o leitor, além de ser cognitivo e pragmático.

Ressaltando a função principal do livro infantil, que é a leitura prazerosa, e a formação de leitores, o livro também precisa contribuir para preparar o pequeno leitor para a vida em um mundo de diversidades.

Este é o desafio para os novos autores, trazer as vozes das crianças e os conflitos de seu mundo para serem lidos e entendidos e oportunizá-las ao contato com uma arte.

“No momento atual conforme Silva, pós-lobatiano, contamos com uma gama de autores voltados para a produção de livros infantis como Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Ziraldo, Maurício de Souza, Eva Furnari, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Lygia Bojunga entre outras que com suas obras encantam a todas as crianças e adultos.”

A literatura produzida por esses novos autores, de acordo com Oliveira e Silva (2008, p. 32):

Proporciona à criança uma literatura de qualidade, que desenvolve sua criticidade, estimula sua criatividade e imaginação e desperta indagações e questionamentos sobre a vida, compreendendo a criança leitora nos diversos aspectos que abrangem a sua formação.

Boa parte das obras desses referidos autores faz parte do acervo das escolas públicas através do PNBE. A criação dos PCN's com os temas transversais veio a promover aos novos autores a produção de livros infantis. Tais livros tratam sobre ética, pluralidade cultural e diversidade de maneira a trazer o tema para as crianças de acordo com o seu nível intelectual, com linguagem adequada e pertinente ao momento social, cultural e político.

Vale ressaltar o trabalho de alguns autores e o estilo de suas obras, porque além de apresentar o enredo às crianças o professor precisa conhecer a obra antes mesmo de apresentar as crianças. Destacarei breves comentários sobre alguns desses autores neste trabalho como ilustração sobre a literatura infantil para educação escolar.

Cecília Meireles contribui muito para a literatura infantil brasileira, destacando questões relacionadas à leitura e à literatura na infância, trouxe histórias para crianças e materiais que ajudaram na educação infantil em escolas. Suas contribuições poéticas proporciona uma gama de conhecimento para os educadores trilhar seus materiais didáticos e, constantemente, são utilizadas por professores da educação infantil e do ensino fundamental em sala de aula para trabalhar a linguagem oral e escrita de maneira lúdica. Os textos desta autora instigam o interesse dos educandos em processo de aprendizagem.

Para Cecília era importante que os livros fossem atrativos para às crianças assim estimulava os pequenos leitores a ler: “[...] o livro infantil deve ter um aspecto gráfico

perfeitamente educativo: isto é, capaz de estimular todas as faculdades do leitor; porque a ilustração não serve apenas para reproduzir o que vem escrito” (MEIRELES, 1979, p. 120).

Ela tinha preocupação quanto à produção de livros infantis, para que não se tornassem produção em massa sem levar em conta sua verdadeira finalidade, que é a leitura. Como afirma Meireles (1979, p. 96):

Um livro de literatura infantil é, antes de mais nada, uma obra literária. Nem se deveria consentir que as crianças frequentassem obras insignificantes, para não perderem tempo e prejudicarem seu gosto. Se considerarmos que muitas crianças, ainda hoje, tem na infância o melhor tempo disponível da sua vida; que talvez nunca mais possam ter a liberdade de uma leitura desinteressada compreenderemos a importância de bem aproveitar essa oportunidade. Se a criança, desde cedo fosse posta em contato com obras-primas, é possível que sua formação se processasse de modo mais perfeito.

Muitos autores ainda mantêm a preocupação do que estão produzindo para nossas crianças e esse papel se estende até ao professor no momento de escolher os livros infantis que irão ser trabalhados na sua sala de aula.

Cecília Meireles foi quem fundou a primeira Biblioteca Infantil do Brasil. Para ela as bibliotecas eram os locais fundamentais em que deveria haver imensa e variada quantidade de livros para que as crianças escolhem. Assim defende Meireles (1979, p.111),

As Bibliotecas Infantis correspondem a uma necessidade da época, e têm a vantagem não só de permitirem à criança uma enorme variedade de leituras, mas de instruírem os adultos acerca de suas preferências. Pois, pela escolha feita, entre tantos livros postos a sua disposição, a criança revela o seu gosto, as suas tendências, os seus interesses. Compõem-se as Bibliotecas Infantis de todos os livros clássicos, e dos que se vão incorporando a essa coleção. Deviam ser anotadas as preferências das crianças sobre essas leituras, para informação dos que se dedicam ao estudo do assunto.

Cecília Meireles que foi uma poetisa e educadora possui uma vasta produção literária direcionada às crianças, nas suas produções procurou expor em seus escritos o mundo infantil com uma estrutura voltada para mudo da imaginação. Seus poemas relacionados as crianças são ricos de rimas e musicalidade, como o poema A Bailarina.

Outro autor que trazemos é o Vinícius de Moraes com sua única obra infantil a ‘Arca de Noé’. Este livro é composto por 32 poemas, a maioria sobre animais que permanece no imaginário das crianças, rompendo gerações. É uma obra muito recomendada para atividades na alfabetização por se tratar de textos curtos e melodiosos.

Os poemas contidos neste livro foram musicados por Vinicius e Toquinho. Todos os poemas ganharam um ritmo encantador e os clássicos ‘O pato’ e ‘A casa’ ainda são cantados por crianças dessa nova geração.

Uma literatura também presente na educação infantil é a de Ziraldo Alves Pinto que além de escritor é pintor, cartazista, jornalista, teatrólogo, chargista e caricaturista.

Nos anos 1960 esse escrito lança sua primeira revista em quadrinhos ‘A Turma do Pererê’. Em 1969 Ziraldo publicou ‘FLICTS’, seu primeiro livro infantil que conquistou fãs em todo o mundo e em 1980 lançou ‘O Menino Maluquinho’, fenômeno editorial no Brasil. O livro faz parte do acervo do PNBE que chega às escolas.

Outro cartunista brasileiro é Maurício de Sousa que volta o seu trabalho para o público infanto-juvenil, foi o criador da ‘Turma da Mônica’ e no ano de 1964, ele cria a principal figura de seu mundo infantil: a Mônica.

Este autor consegue unir sua criatividade nos desenhos aos diálogos simples dos personagens. Conforme Coelho (2000), as histórias criadas por Maurício de Souza divertem às crianças (e aos adultos) com mensagens de otimismo.

As histórias escritas por Maurício mostram a realidade da vida e do cotidiano de toda criança, seus personagens leva a criança a se identificar com as situações apresentadas por eles de maneira simples.

Eva Furnari publicou por quatro anos, semanalmente histórias da Bruxinha no jornal, Folha de São Paulo. Iniciou sua carreira de escritora e ilustradora de livros infantis e juvenis em 1980, com livros de imagem.

A vertente das obras de Eva Furnari é ajudar as crianças na consolidação da leitura e na compreensão do mundo expresso no livro.

Obras como ‘Adivinhe se puder’, ‘Listas Fabulosas’, ‘Você Troca?’ e ‘Não Confunda’ fazem da alfabetização um prazer. Os textos são formados por adivinhas, trava-línguas, grafia de palavras que combinando palavras cuja sonoridade é semelhante, revelando palavras que ganham novo sentido quando faladas ou escritas em outros contextos.

São obras que por meio do lúdico faz as crianças apreciarem a obra e revelando um modo engraçado de pensar incentivando a criança a produzir, querendo entrar nas brincadeiras propostas pelo livro.

Suas obras ainda contam com a leitura por diversão, a invenção pela criança de uma sequência a partir da leitura dos quadrinhos iniciais da história, a criação de balões de fala, o contato com um tipo diferente de linguagem.

O conjunto de obras da autora Lygia Bojunga apresenta dicotomias, está dividida entre a fantasia e a realidade. E se caracteriza pela possibilidade da realização de múltiplas leituras.

As suas narrativas dividem a atenção entre o mundo interior dos personagens e o mundo social onde se movem. Levando o leitor a dialogar com o narrador. A linguagem apresentada em seus textos vai do coloquial ao simbólico.

Lygia Bojunga lançou-se na literatura infantil em 1972 com o livro ‘Os colegas’ onde todos os personagens são animais. Em seguida vieram outros títulos como ‘A bolsa amarela’, ‘A casa da madrinha’, Angélica, ‘Corda bamba’ e ‘O sofá estampado’. Suas obras sempre atendem ora o público infantil ora o público juvenil.

Sylvia Orthof por sua vez começou a publicar textos para crianças na revista *Recreio*. Durante sua vida escreveu centenas de textos voltados para o público infantil e juvenil. Seus livros possuem boa circulação nas escolas, narrativas bem-humoradas, linguagem coloquial, imagens plásticas próximas ao pensamento infantil são características de suas obras. Com relação ao gênero em suas obras predominam a narrativa com textos em prosas e narrativas rimadas.

Em seus textos os contos de fadas são parodiados fadas são bruxas e vice-versa. A natureza tem animação assim como os animais e velhos e velhas namoram como nos títulos ‘A velha cambalhota’, ‘Uxa, ora fada ora bruxa’ e ‘Mudança no galinheiro mudam as coisas por inteiro’.

Ruth Rocha está entre os autores de destaque da literatura infanto-juvenil, iniciou como autora no ano de 1969 ao publicar na revista *Recreio* sua primeira história infantil ‘Romeu e Julieta’, seu primeiro livro infantil, ‘Palavras, muitas palavras’ foi lançado em 1976. Seu livro de conto de grande sucesso no espaço escolar é ‘Marcelo, marmelo, martelo’.

Escritora renomada, suas obras tem bastante aceitação do público infantil dentro e fora da escola, pois ela fala para os jovens leitores com sua linguagem coloquial sobre temas do cotidiano familiar e escolar. Assim, Zilberman (1990, p. 19) afirma:

Dessa maneira, o escritor, invariavelmente um adulto, transmite a seu leitor um projeto para a realidade histórica, buscando a adesão afetiva ou intelectual daquele. Em vista desse aspecto, a literatura para crianças pode ser vaga, dando vazão à representação de um ambiente perfeito e, por decorrência, distante. Porém, pela mesma razão, poucos gêneros deixam tão evidentes a natureza utópica da arte literária que, de vários, modos, expõe, em geral, um projeto para a realidade, em vez de apenas documentá-la fotograficamente.

A autora Ruth Rocha escreveu mais de uma centena de obras, que incluem contos para crianças, histórias recontadas em prosa ou verso, adaptações de clássicos, novelas juvenis, manuais didáticos, almanaques e traduções.

Mais do que uma autora de livros infantis, conforme Silva (2009) Ana Maria Machado é conhecida e respeitada no meio literário dentro e fora do Brasil. Além de escrever para o público infanto-juvenil e adulto ela traduz e adapta livros para crianças e jovens, também participa de projetos culturais que visa à formação do leitor.

As obras de Ana Maria Machado retratam bem os valores da cultura ocidental do século XX. Podemos observar em suas obras como vivem as novas famílias, onde as mães trabalham e meninos aprendendo a conviver com padrastos e madrastas, em ‘Bisa Bia, Bisa Bel’ e ‘Beijos mágicos’.

Em suas obras infantis, a autora aposta em uma linguagem mais leve valendo-se dos recursos sonoros da língua, o eco, à aliteração, à rima ou à onomatopeia, são características de seu estilo narrativo. Esses recursos são bastante apreciados pelas crianças que estão em processo de apropriação da língua.

Já no livro ‘Palavras, palavrinhas e palavrões’ que faz parte do acervo do PNBE, a autora faz uso da linguagem coloquial e mantém um tom leve para trabalhar no texto a propriedade do uso da linguagem sem cair no moralismo.

3 A LITERATURA INFANTIL E A DIVERSIDADE TEXTUAL

Até início do século XVIII o público infantil era dividido, as crianças de classes altas tinha acesso aos grandes clássicos já as crianças de classe baixa não tinha acesso à leitura e à escrita. Conforme Silva (2009) tinha apenas contato com a literatura oral por meio de histórias contadas, tradição de família. Nesta época, a literatura podia ser classificada como oral ou escrita, clássica ou popular.

Conforme foram acontecendo os avanços na educação, o uso da literatura nas escolas também passou por mudanças. E todas as crianças que frequentavam a escola passaram a ter acesso à literatura de qualidade. Além de começar a fazer parte da rotina escolar o uso de livros infantis começou a dar atenção à diversidade textual.

Os livros infantis nos permitem fazer uso dos diversos gêneros em diferentes contextos. Ele é apenas mais um recurso à disposição do professor que auxilia no desenvolvimento da prática pedagógica.

Os gêneros que abrange os livros infantis são: poesia, contos de Fadas, fábulas, lendas folclóricas, narrativas e histórias em quadrinhos. Estes gêneros além de apresentar o mundo das letras à criança durante o processo de alfabetização, leva os pequenos leitores a serem iniciados num processo de leitura prazerosa.

O uso de diversos gêneros textuais são motivadores para as crianças pois, além de auxiliar no desenvolvimento e apropriação da linguagem oral e escrita, desenvolve ainda: a criatividade, o raciocínio lógico, a percepção, a expressão oral e escrita, bem como o desenvolvimento emocional.

3.1 O TRABALHO COM O LIVRO INFANTIL

Dentro do âmbito escolar cabe aos profissionais da educação reverter essa realidade trazendo a literatura infantil para as séries iniciais e apresentar aos educandos como um material de leitura prazerosa que vai ajudar no processo de aprendizagem da leitura e escrita, e não apenas como objeto de estudo e leitura obrigatória.

Neste sentido o professor assume um papel relevante de ensinar as crianças a ler e escrever conhecendo a literatura infantil e despertando o gosto pela leitura. Esta leitura proporcionada no ambiente escolar poderá ser determinante para o acesso da criança e futuros jovens ao mundo literário.

O Brasil vem investindo na compra e na distribuição de obras literárias para as escolas através do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Porém, muitos educandos ainda não estão se apropriando dos livros e tampouco sendo formados leitores. Na maioria das vezes, as obras literárias chegam às escolas e não saem das caixas ou são apenas lançadas nas velhas estantes.

Trabalhar com livros infantis na sala de aula é criar condições para que as crianças se apropriem do sistema de leitura e escrita e que se formem leitores plurais, de mundo e de artes. Muito mais que uma atividade rotineira oferecer e discutir com os pequenos e iniciantes leitores é poder contribuir para a formação de novos leitores. Para Abramovich (1997, p. 143):

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo.

Alfabetizar com os livros infantis é uma proposta desafiadora onde o professor precisa conhecer as condições de leitura de seus educandos e desenvolver um trabalho direcionado a cada grupo de diferentes tipos de leitor, incluindo nesses grupos as crianças com necessidades educacionais especiais. Pois elas também têm direito a acesso aos livros, a leitura e ao processo de alfabetização tendo suas necessidades atendidas. De acordo com a Constituição Federal de 1988 no artigo 206:

O direito de todos à educação em igualdade de condições para o acesso e permanência na escola no Ensino Fundamental Regular a todas às crianças e adolescentes, sem exceção, além disso, devem receber atendimento especializado complementar de preferência dentro da escola.(Constituição Federal de 1988)

Ler os livros infantis para os nossos educandos é prática fundamental para despertar o gosto e o desejo pela leitura. Porém existe uma grande diferença entre ler um livro e contar uma história. Quando lemos para as crianças estamos proporcionando a elas aprenderem as peculiaridades da modalidade escrita, estrutura do texto, ampliação do vocabulário. Quando apenas contamos a história deixamos de propiciar esse contato com a linguagem escrita, mesmo que outras habilidades estejam sendo desenvolvidas e preciso ter momento de leitura na sala de aula.

Dessa forma, o livro infantil quando bem utilizado na sala de aula apresenta a criança um mundo dinâmico, pleno, cheio de possibilidades, um mundo onde a realidade e fantasia se completam.

O livro infantil não deve ser usado com a intenção pedagógica ou didática, ele deve ser usado em alguns momentos simplesmente para incentivar o hábito da leitura.

3.2 DIVERSIDADE TEXTUAL NA ALFABETIZAÇÃO

Os professores no ambiente escolar em nível de alfabetização possuem um papel fundamental no desenvolvimento do hábito da leitura, escrita e a apresentação da diversidade textual aos educandos. Ao trabalhar a leitura de diferentes gêneros na sala de aula o professor estará proporcionando diferentes experiências e incentivo à leitura.

A leitura escrita precisa ser trabalhada na escola de maneira dinâmica, jamais como um processo de decodificação de sinais, mas como um meio de desenvolvimento do indivíduo, para a construção de um sujeito autônomo e ativo na construção da sociedade. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 53) leitura é:

[...] É um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a língua. Não se trata apenas de extrair informações da escrita, decodificando-a, letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituído antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê.(PCN, 1997)

A diversidade de gêneros contribui para a conscientização das crianças. Desde as séries iniciais é fundamental para a consolidação da leitura e escrita entre os educandos o contato com diferentes gêneros textuais, pois dará condições para que eles realizem leituras, reformule e amplie seus conhecimentos de mundo. Através das orientações do professor as crianças desfrutaram ao máximo dos livros apresentado a ele.

A escola precisa conhecer e trabalhar com os educandos de todas as séries. Principalmente no processo de alfabetização todos os gêneros literários com o objetivo de incentivar e aprimorar esse processo. Como afirma Lajolo (2003) “Não há varinhas de condão, muito embora, recentemente, a literatura infantil (talvez por falar tanto em

fadas...) pareça querer atribuir-se a função de resolver todos os problemas de leitura da escola brasileira”.

O professor que trabalha com diferentes gêneros possibilita a seus educandos um vasto conhecimento desde as características do gênero a ampliação do vocabulário. Trabalhar com o gênero poema na fase da alfabetização proporciona às crianças a observação das palavras e o sentimento do ritmo através de poemas com linguagem simples e versos curtos. Por se aproximarem mais do universo agrada aos educandos menores. Vieira (s/d, p.3) afirma:

A descoberta do mundo das letras, durante a alfabetização, pode e deve ser um processo prazeroso para a criança. O uso dos diversos gêneros de literatura como auxiliares nesta fase é altamente motivador. Além de auxiliar no desenvolvimento da linguagem, trabalha a criatividade, o desenvolvimento emocional, o raciocínio lógico, a percepção, a expressão oral e escrita, de acordo com as diferentes técnicas que podem ser utilizadas pelos professores.

Os contos de fadas retratam as aventuras de heróis e fadas, as fadas ainda continuam mantendo seu poder de atração, pela possibilidade da realização dos sonhos e essa ideias mexe muito com o imaginário das crianças.

As histórias dos contos de fadas são encantadoras as fantasias, o enredo, as fadas, as varinhas mágicas, as bruxas, os feiticeiros tem o poder de prender a atenção das crianças na hora de ouvir essas histórias. De maneira breve e categórica os conflitos internos dos personagens são resolvidos, bem parecidos com os conflitos das crianças assim elas aprendam que seus problemas do cotidiano podem ser resolvidos utilizando sua criatividade e imaginação.

Os contos de fada falam de amor, da dificuldade de ser criança, falam das carências, de autodescobertas, de perdas e buscas. Esta é a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável é parte intrínseca da existência humana, mas que se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa. (BRUN, 1999 apud BATTELHEIN, 1998)

A fábula é uma narrativa que retrata situações humanas vividas por animais, que diverte o leitor com o intuito de transmitir um ensinamento de valor moral. Como as

histórias das fabulas envolvem os animais tornam-se bastante atraentes e consegue envolver as crianças na leitura.

Segundo Vieira (s/d) a lenda é um relato de acontecimentos onde o imaginário supera o histórico. É uma narrativa breve, geralmente escrita em verso ou prosa, e se caracteriza por ser uma história de tradição oral, não se sabendo ao certo sua origem apenas que o costume de contar histórias e passado de geração a geração. O que caracteriza a lenda como conto popular é a antiguidade, a persistência, o anonimato e a oralidade.

Um bom texto narrativo para Machado (2001, p. 20):

É aquele que surpreende um bom texto narrativo, que me deixa sem saber o que vem depois. A surpresa conseguida por meio de uma imagem, uma situação diferente, de uma peripécia do enredo é um elemento fundamental em toda a arte. Uma história que não surpreende provavelmente tem uma qualidade muito baixa.

O texto narrativo se caracteriza pelo discurso direto, e que envolve o leitor num discurso indireto através do narrador.

As crianças que estão em processo de aquisição da leitura é importante que a narrativa siga um tempo cronológico e com final feliz, porque geralmente a criança se identifica com a história narrada.

Toda criança demonstram interesse pelas histórias em quadrinhos. Mesmo antes de estar alfabetizado esse tipo de história desperta a curiosidade da criança, a ludicidade do material ajuda à criança na descoberta das letras.

As histórias em quadrinhos se caracterizam por retratar o universo infantil, pela escrita e enredo simples e o uso de gibis na sala de aula é recomendado pelo ME.

4 LITERATURA INFANTIL E ALFABETIZAÇÃO

A escola é um dos ambientes privilegiado por garantir o contato com livros infantis e o estímulo e o gosto pela leitura.

No Brasil, de forma gratuita toda escola pública de educação básica cadastradas no Censo Escolar é atendidas com o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

Para o MEC o investimento contínuo na distribuição de obras literárias fornece aos estudantes e professores materiais variados para leitura.

O acervo literário recebido pelas escolas é composto por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos (PNBE).

Os livros enviados pelo PNBE contemplam temáticas, gêneros e extensões variados. Tem o propósito de atrair os estudantes para o universo da literatura de forma lúdica, com textos que promovem a fruição estética tanto pela linguagem verbal, quanto pelas imagens.

Este programa ainda conta com o PNBE Especial, onde distribui as escolas públicas livros em formato acessível aos educandos com deficiências sensoriais (Braille, Libras, Caracteres Ampliados, Áudio). O objetivo principal dessa distribuição foi o favorecimento de acesso ao universo literário em outros formatos, de modo a abranger as crianças com necessidades educacionais especiais.

Os livros infantis devem ser utilizados para auxiliar no processo de alfabetização das crianças desde que as etapas do desenvolvimento infantil sejam respeitadas. É preciso que a criança tenha contado com variados livros, para isso é necessário que os livros infantis fiquem disponíveis para consulta e leitura prazerosa. Em vez de guardar as obras, elas precisam ficar expostas na sala de aula, em estantes ou cestos abertos, isso incentiva a leitura e o cuidado ao manusear o livro.

Para que a leitura seja ferramenta para o letramento é fundamental que a prática de leitura seja diária. Desse modo, a criança passará a compreender que a leitura faz parte da rotina escolar, que é natural e não apenas uma atividade onde ela precisa saber decodificar os sinais gráficos.

4.1 O LIVRO INFANTIL

O livro infantil não é passivo e nem requer uma atitude passiva do leitor. No momento da leitura, ou quando alguém ler para uma criança, nesse momento ela está pondo em prática o exercício de entender e interpretar o texto, ativando a memória, relacionando fatos e experiências com o seu dia a dia.

Muitas vezes a alfabetização é entendida como o exercício de codificação e decodificação da linguagem verbal escrita. Porém a alfabetização se completa quando o indivíduo é capaz de aplicar a codificação, decodificação e compreensão para diversos tipos de textos.

“Cabe ao professor saber apresentar o livro infantil adequado para cada fase leitora da criança”. Neste sentido Coelho (2000, p. 45) observou os diferentes estágios do desenvolvimento infantil de acordo com a psicologia experimental e em análise da classificação de leitores, a autora classificou os leitores infantis assim:

- Pré-leitor: (quinze meses aos cinco anos – Educação Infantil) aquele indivíduo que ainda não tem a competência de decodificar a linguagem verbal escrita, a imagem tem predomínio absoluto; nessa fase é indicado o livro de imagens, sem texto verbal, para que o indivíduo por meio do reconhecimento de cenas tome contato com os elementos estruturais da narrativa, como o espaço, as personagens e o tempo;
- Leitor iniciante: (a partir dos cinco ou seis anos) o indivíduo começa a tomar contato com a expressão escrita da linguagem verbal, ou seja começa o letramento; a palavra escrita começa a ganhar espaço sobre a imagem, porém a imagem ainda deve predominar;
- Leitor em processo: (a partir dos oito anos) fase em que a criança já domina o mecanismo da leitura; o conhecimento do mundo é aguçado pela organização do pensamento lógico; a motivação do adulto ainda é bastante importante;
- Leitor fluente: (a partir dos dez anos) fase em que domina os mecanismos do ato de ler, além de haver mais capacidade de compreensão; nesse momento atividades de reflexão são importantes para o amadurecimento do leitor;

- Leitor crítico: (a partir dos doze anos) fase do total domínio do processo de leitura, fase do desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico. (COELHO, 2000, p. 45)

Convém lembrar ainda o que nos diz Coelho (2000, p. 32)

[...] a inclusão do leitor em determinada “categoria” depende não apenas de sua faixa etária, mas principalmente da inter-relação entre sua idade cronológica, nível de amadurecimento biopsíquico-afetivo-intelectual e grau ou nível de conhecimento/domínio do mecanismo de leitura. (COELHO, 2000 p. 32)

Essas fases da leitura poderá ajudar ao professor entender melhor como se dá o processo de alfabetização através da leitura e que esse processo está vinculado à fase de amadurecimento da criança. Ressalta-se, entretanto, que o leitor crítico nunca estará totalmente pronto, o senso crítico-reflexivo é construído ao longo de toda vida.

Sabemos que leitura e alfabetização sempre caminharam juntas e ao longo dos anos as percepções foram evoluindo. No início do processo de escolarização pensavam que a alfabetização consistia em leitura mecânica, quando o indivíduo desenvolvia habilidades de decifrar códigos e sinais, ou seja, primeiro transforma os sinais gráficos em sons e em seguida em palavras e frases.

Depois surgiu Paulo Freire com sua leitura de mundo onde afirmava que, leitura de mundo é continuada e precede a decodificação de gráficos. Ela é quem vai dar significado, ou seja, é uma leitura ampla.

Conforme Filho (2009), dessas concepções surgiu à leitura crítica, a leitura que faz parte da alfabetização atual. É uma leitura que precisa de aprendizado, é questionadora, instigante e alia a leitura mecânica com a leitura de mundo.

É dentro dessa realidade que os livros infantis devem ser utilizados na sala de aula. O professor vai ensinar a criança o sistema de escrita, mas antes precisa promover a leitura de mundo, tornar sua aprendizagem significativa.

Os livros infantis permitem ao professor o desenvolvimento de diferentes atividades, dentro as quais destacam a leitura partilhada, onde o professor num ambiente acolhedor assume a postura de leitor que quer formar novos leitores.

A contação de histórias, atividade antiga que vem sendo retomada pelas escolas, pois essa atividade motiva e prepara a criança a leitura de livros. Para ela poder contar

uma história, antes precisa conhecê-la, assim a criança acaba sendo levada a iniciar a leitura de um livro pelo simples fato de ser um contador de histórias.

“O professor também deve estimular seus educandos à prática da leitura silenciosa, pois este tipo de leitura é que mais aproxima a criança do livro. As crianças podem ser levadas para o pátio ou uma área verde da escola e ter esse contato individual para que ela possa explorar o seu livro, mesmo aqueles que ainda não dominam a leitura deve ter essa prática. Mário Quintana já dizia que ler é o único modo de se estar sozinho e acompanhado ao mesmo tempo,” de acordo com Silva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler é necessário, pois permite ao indivíduo se apropriar de conteúdos e a se tornar um sujeito crítico, reflexivo e participativo. Neste trabalho abordamos a importância da leitura infantil na alfabetização.

Compreendemos a partir de leitura bibliografia sobre o tema que os educandos precisam de orientações para serem inseridos no mundo da leitura desde a mais tenra idade. Assim eles se apropriarão da linguagem oral e escrita, serão despertados o seu senso crítico e principalmente serão estimulados o seu gosto e o hábito da leitura.

Sabemos que diante das novas tecnologias as próprias escolas muitas vezes estão deixando um pouco esquecido o hábito de usar os livros de literatura. Diante desta realidade se faz necessário desenvolver atividades que aproxime o leitor iniciante dos livros dessa forma estará ajudar aos educando ler e compreender o que leem.

Em especial aos educandos em processo de alfabetização, hoje as escolas públicas contam com um rico acervo na biblioteca escolar que possibilita o contato com diferentes gêneros através de livros infantis.

É um desafio para o professor alfabetizador despertar o interesse de seus educandos por meio da literatura e fazer uso dos livros infantis para que a criança se aproprie da linguagem oral e escrita, além é claro de contribuir para a formação de novos leitores.

O uso dos livros infantis na alfabetização estimula as crianças a entrarem para o mundo da leitura através da imaginação e do encantamento passado através das belas histórias. É um bom recurso de apoio pedagógico ao professor, pois permite desenvolver atividades e trabalhar diversos temas do cotidiano da criança e o contato com a diversidade textual, além de permite que as aulas sejam ministradas de maneira lúdica instigando a criança à participação.

A escolha do livro a ser trabalhado é importante e precisa ser adequado para a criança em processo de alfabetização. Este é o primeiro passo para o sucesso e tudo precisa ser levado em conta à faixa etária, a maneira de como a leitura é realizada, o aspecto do livro, as imagens e principalmente o enredo da leitura.

Toda atividade que utiliza o livro infantil precisa ser bem planejada e desenvolvida de maneira simples e envolvente, pois o objetivo maior é promover a construção do conhecimento de maneira ampla e prazerosa através da leitura de um bom livro.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Lia Cupertino Duarte. **A literatura infantil no Brasil origem tendência e ensino**. Disponível em:< http://www.litteratu.com/literatura_infantil.pdf> Acesso em 24/05/13

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

BRASIL. Ministério da Educação (1997). **Programa Nacional Biblioteca da Escola. PNBE**. Disponível em: <www.fnade.gov.br> Acesso em 10/06/13

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, 106p.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988, 305 p.

BRUN, Caroline Fileti. **A importância da literatura para criança**. Caraguatatuba: 1999. Trabalho de graduação para licenciatura em pedagogia.

COELHO, Nelly Novaes. **Panoramas Históricos da Literatura Infantil**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

Cunha, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil teoria e pratica** São Paulo: Ática, 1995.

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Ed Melhoramentos, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991

GOMES. [Cristiana.](http://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantil/) **Literatura Infantil**. Disponível em:<
<http://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantil/>>
Acesso em: 20/04/13

LAJOLO, Mariza e ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira - Histórias e Histórias**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

LAKATOS Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4 ed. (rev. e ampl.). São Paulo: Atlas, 2001

MACHADO, Ana Maria. **A Literatura deve dar Prazer**. Entrevista à Revista Nova Escola, ed. 145. Setembro de 2001.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

_____. Cecília. **Literatura Infantil** (28/06/1930). In: MEIRELES, Cecília.

MACHADO, Ana Maria. **A Literatura deve dar Prazer**. Entrevista à Revista Nova Escola, ed. 145. Setembro de 2001.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1996.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos. **Alfabetização no Brasil: ainda um desafio**. Morais. Disponível em: < <http://www.espacoacademico.com.br/093/93morais.htm> > Acesso em 15/04/2013

OLIVEIRA, Ana Flávia de. SILVA, Lilliane Rodrigues da. **A leitura infanto-juvenil na formação do leitor e cidadão crítico**. Disponível em: < http://bibliotecauegmorrinhos.com/tcc/docs/liliane_mono.pdf > Acesso em: 20/06/2013

RADINO, Glória. **Oralidade, um estado de escritura**. Psicologia em estudo. Maringá, v.6, n. 2 p. 73-79. Jul/dez 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v6n2/v6n2a10.pdf> > Acesso em: 28/05/13.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. 2 ed. Goiânia: Cênone Editorial, 2009

VIEIRA, Eliezer de Jesus. **A importância da diversidade de gêneros literários na alfabetização**. Disponível em:< <http://www.pedagogiaaopedaletra.com.br/posts/monografi-a-importancia-diversidade-generos-literarios-alfabetizacao/> >. Acesso em: 05/06/13.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. 10ª edição - São Paulo: Global, 1990.

<http://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantil/>